

RELATÓRIO ESTIAGEM Nº 03/2022 – SEAPDR

SITUAÇÃO DA ESTIAGEM

Os efeitos da longa estiagem e da onda de calor extrema que durou 14 dias em janeiro, causando níveis de evapotranspiração extraordinários, são os maiores já registrados na agropecuária do RS. Somente as perdas diretas de culturas como milho, soja, feijão, tabaco, uva e maçã foram estimadas pelo Departamento de Políticas Agrícolas em mais de 37 bilhões. Por sua vez a Rede Técnica Cooperativa da FECOAGRO calculou os prejuízos em R\$ 36,4 bilhões apenas para milho e soja.

Conforme Boletim da Emater, são 253 mil propriedades rurais que estão sendo atingidas pela estiagem no estado.

As chuvas que ocorreram na última semana foram variáveis e ajudaram, em algumas regiões, a estancar as perdas e dar uma esperança de colheita aos agricultores. Entretanto, na região Noroeste/Missões, onde a estiagem é mais profunda, os volumes foram os menores e o calor voltou com máximas prevista de até 38°C a 40°C neste semana, o que causará novamente valores muito altos de evapotranspiração das plantas.

As barragens, que abastecem municípios, em várias partes do estado, estão em níveis críticos. Em Santa Maria, a barragem do DNOS está mais de 4 metros abaixo do normal. O reservatório de Machadinho está com 29,26% do nível normal e os de Passo Real 35,97% e Barra Grande 30,99%, respectivamente. Os níveis que já vinham baixos desde julho tiveram redução muito grande em janeiro.

O RS é o estado com maior número de comunicados de perdas de agricultores no Proagro, conforme informação da Secretaria de Política Agrícola – SPA, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. São 20,7 mil operações que foram acionadas, o que corresponde a 53% do total de comunicados de perdas feitos no país, o que representa cerca de R\$ 1,15 bilhão de indenizações em análise. Na área do Seguro Rural são 4,3 mil apólices com pedido de sinistro, o que corresponde a R\$ 396,8 milhões em análise.

PANORAMA CLIMATOLÓGICO DA ÚLTIMA SEMANA E PROJEÇÃO

Condições Ocorridas - Laboratório de Agrometeorologia e Climatologia Agrícola – DDP/SEAPDR.

Nos dias 25 e 26 foram registradas chuvas em grande parte do Estado. Na Fronteira Oeste, Região Metropolitana e Litoral Norte os volumes foram inferiores a 10 mm, na Zona Sul, região Central e na Faixa Norte os valores oscilaram entre 40 e 65 mm e se aproximaram de 100 mm em algumas localidades. Nas demais regiões os totais oscilaram entre 15 e 35 mm. Os maiores volumes de chuva registrados atenuaram o déficit hídrico nas lavouras, podendo nas áreas de soja em fase de desenvolvimento vegetativo apresentar recuperação no desenvolvimento, especialmente se novos volumes de chuva forem registrados. Entretanto, em áreas que se encontravam na fase reprodutiva (floração e enchimento de grãos), as perdas serão maiores em função do déficit hídrico, mas também, por causa das altas temperaturas que acarretam vários problemas fisiológicos às plantas que comprometem na produtividade (as temperaturas ideais para a cultura se encontram na faixa entre 10 a 30°C). Na cultura do milho as perdas são maiores, devido à sua maior necessidade de água, pois possui maior área foliar, e em razão do período crítico curto da cultura (florescimento/início de enchimento de grãos - compreendendo principalmente a polinização, a fecundação e o desenvolvimento inicial de grãos – período esse curto, em torno de 10 a 12 dias), tanto ao déficit hídrico como às altas temperaturas (temperaturas superiores a 33°C são prejudiciais na fase reprodutiva, reduzindo sensivelmente a germinação do grão de pólen). Para o arroz, mesmo com irrigação, podem ocorrer redução no rendimento nas áreas em que a cultura se encontra no período reprodutivo, em função das altas temperaturas registradas (temperaturas acima de 35°C podem causar esterilidade da espiguetta). Mesmo com as chuvas registradas durante a semana na maioria das regiões, em função das altas temperaturas do ar registradas, as perdas evapotranspirativas das

culturas continuam extremamente altas, mantendo as plantas em déficit hídrico, intensificando a condição de estiagem e aumentando a tendência de perdas nas diferentes culturas.

DECRETOS EMERGENCIAIS NO RIO GRANDE DO SUL

O número de municípios gaúchos em situação de emergência devido a estiagem continua aumentando. Em uma semana passou de 354 para 386 municípios conforme dados obtidos no site da defesa civil (<https://www.defesacivil.rs.gov.br/estiagem>) em 31/01/22. Destes, 384 estão com situação de emergência decretada e dois com registro ainda. 77% dos municípios gaúchos estão em estado de emergência devido a estiagem.

A SEAPDR, abriu processo solicitando que a Defesa Civil e o Governo do Estado avaliem a publicação de um decreto estadual de emergência em função dos grandes prejuízos já registrados pela estiagem.

DECRETOS ESTADUAIS DE EMERGÊNCIA NO PARANÁ E MATO GROSSO DO SUL.

O Estado do Paraná publicou o Decreto 10.002 que “Declara Situação de Emergência nas áreas dos Municípios atingidos por ESTIAGEM”, no dia 31 de dezembro/21, pelo prazo de 180 dias.

Da mesma forma o Governador do Mato Grosso do Sul, no dia 3 de janeiro último, publicou o Decreto que “ Declara “Situação de Emergência”, pelo prazo de 180 (cento e oitenta) dias, para todo o Estado de Mato Grosso do Sul, afetado por desastres, classificados e codificados como Estiagem - COBRADE 1.4.1.1.0 - e Seca – COBRADE 1.4.1.2.0 -, conforme Instrução Normativa nº 36, de 4 dezembro de 2020, do Ministério do Desenvolvimento Regional, e dá outras providências”.

EFEITOS DA SECA EM OUTROS ESTADOS

A seca também prejudica as lavouras do estado de Santa Catarina. Segundo a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural - Epagri, a estimativa era de uma produção de 2,5 milhões de toneladas de milho na primeira safra. No entanto, devido a seca já é prevista a redução de 43% desse volume, o que gera um desafio para as indústrias de aves e suínos, que em safras normais importam de outros estados cerca de 4,5 milhões de toneladas do grão para a alimentação de animais, volume que pode ultrapassar os 6,0 milhões de toneladas em 2022.

Na soja, a estimativa inicial de produção também era de 2,5 milhões de toneladas, com projeção de quebra de 29% devido a seca. O impacto financeiro da quebra dessas duas culturas é de R\$ 4,2 bilhões no estado.

Já no estado do Paraná, segundo dados do Departamento de Economia Rural – Deral, da Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento, as perdas atingem cerca de 39% da produção na cultura da soja, 36% no milho primeira safra e 31% no feijão, com impacto financeiro que pode variar de R\$ 25 a 30 bilhões.

A situação também é preocupante no estado do Mato Grosso do Sul, onde o governo do estado emitiu um decreto de emergência para todos os municípios. Segundo o Sistema de Informação Geográfica do Agronegócio –Siga, a perda na safra de soja é de cerca de 1 milhão de toneladas, com 67% das lavouras em situação regular ou ruim.

EFEITOS DA SECA E MEDIDAS TOMADAS PELOS PAÍSES VIZINHOS

PARAGUAI

A seca extrema que atinge todo o território do Paraguai está causando enormes perdas econômicas em todas as áreas de produção e redução dos níveis de água dos rios Paraná e Paraguai, o que afeta a logística de importação e exportação do país vizinho.

A queda de produção na soja, principal pauta das exportações paraguaias está em 50%. Os agricultores e autoridades agrícolas esperam que as chuvas voltem em fevereiro, para salvar o que restou das lavouras com semeaduras média e tardia, bem como tentar continuar a semeadura da safrinha, que está atrasada devido à falta de umidade no solo.

O Ministério da Agricultura apresentou algumas medidas de apoio direto aos produtores, principalmente fornecendo insumos e combustível e facilitação de acesso ao crédito, tanto público como privado.

ARGENTINA

Várias províncias argentinas próximas ao RS, como Misiones, Entre Rios, Santa Fé, Cordoba, declararam "**Emergência Agropecuária**". O Ministério da Agricultura, Pecuária e Pesca da Argentina vai aumentar o Fundo Nacional de Mitigação de Emergências e Desastres Agrícolas para socorrer os agropecuaristas.

Na Argentina, a seca já gera redução de cerca de 8 milhões de toneladas no milho e 5 milhões de toneladas na soja.

O Ministro da Agricultura da Argentina, Julián Domínguez expressou que "as alterações climáticas e as consequências das secas vieram para ficar" e que são necessários instrumentos de irrigação para pequenos e médios produtores, com um financiamento diferenciado, aquisição direta, da indústria nacional e com tecnologia nacional".

Outra situação grave é a baixa vazão dos rios Paraguai e Paraná causando neste último dificuldades de exportação pelo porto de Rosário, principal saída de grãos ao exterior.

URUGUAI

No Uruguai, através de Resolução Ministerial foi declarada **emergência agropecuária** desde o início do mês de janeiro. Na semana passada, a área declarada como **Zona de Emergência Agrícola** foi ampliada a 10 milhões de hectares, o que abrange 16 dos 19 departamentos do país.

Com esta Declaração de Emergência foram liberados recursos do "Fundo Agropecuário de Emergência" possibilitando apoio financeiro, ou em infraestruturas produtivas ou insumos que possam contribuir para recuperar as capacidades perdidas como resultado da seca.

Também o governo estendeu o status de emergência à avicultura, após uma forte onda de calor causar a morte de cerca de 400.000 frangos em granjas de todo o país. Outro problema é a contenção de incêndios florestais pelo país ocasionada pela seca extrema e altas temperaturas.

EFEITOS DIRETOS NOS CULTIVOS E CRIAÇÕES DA AGROPECUÁRIA:

MILHO

O cultivo de milho possui o maior número de agricultores atingidos. Segundo dados da Emater são 93 mil produtores. Considerando o impacto no autoabastecimento das propriedades rurais e até a subsistência de pequenos agricultores, além do reflexo também direto nas cadeias produtivas de aves, suínos, leite e outras criações, a quebra na produção tem efeitos econômicos e sociais muito graves para o estado.

A Emater projeta uma redução média de 65% da produção nas principais regiões produtoras deste cereal no estado. Em algumas como a região de Frederico Westphalen a perda média de produtividade é superior a 65%. Diante do exposto e levando em consideração a projeção inicial de produção estadual de 6,11 milhões de toneladas, pode-se depreender que a produção seria ajustada para aproximadamente 2,14 milhões de toneladas.

A Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado do Rio Grande do Sul (FecoAgro/RS), no levantamento divulgado na semana passada, aponta para uma perda de 70% nas lavouras de milho. Descontando-se essa projeção de quebra, da produção inicial estimada pelo IBGE, de 6,09 milhões de toneladas, o resultado seria de uma safra de menos de 2 milhões de toneladas no estado, produção mais baixa desde 2005.

Considerando uma redução de 4 milhões de toneladas de milho, o prejuízo direto dos agricultores chegaria a cerca de R\$ 6,36 bilhões, afora uma maior evasão financeira do estado pela necessidade de importação do grão pelas indústrias de proteína animal.

A produtividade e a qualidade do milho silagem continuam sendo comprometidas pela seca, sendo que as perdas variam de 16,2% a 65%, dependendo a região.

SOJA

Cerca de 82 mil produtores de soja já sofrem com a redução na produtividade estimada devido à seca.

Segundo dados do último Informativo Conjuntural da Emater, referentes a semana de 17 a 24 de janeiro, as perdas na cultura se intensificaram desde a semana passada, sendo que atualmente as perdas variam de 25% a 45% na maioria das regiões, com redução até superior na região de Santa Rosa.

A Rede Técnica Cooperativa – RTC, projeto que conta com mais de 30 cooperativas agropecuárias do RS, filiadas à Cooperativa Central Gaúcha Ltda – CCGL, divulgou o dado de quebra da safra de soja de 48,7%, sendo que em algumas regiões, a quebra ultrapassa 70%. Com base na produção inicial estimada pelo IBGE, de 20,95 milhões de toneladas, calcula-se uma quebra de 10,20 milhões de toneladas, o que resultaria numa safra de aproximadamente 10,75 milhões de toneladas.

Considerando uma redução de 10,2 milhões de toneladas de soja, o prejuízo financeiro direto dos agricultores chegaria a cerca de R\$ 30,26 bilhões.

ARROZ IRRIGADO

Segundo o IRGA, a situação das lavouras de arroz irrigado ainda merece atenção, com o ingresso de umidade e permanência de altas temperaturas, o produtor deve ficar alerta para o controle de pragas e doenças.

Atualmente, 46% das lavouras estão no estágio reprodutivo, fase mais crítica quanto ao déficit hídrico e 51% encontram-se no estágio vegetativo. A colheita iniciou no município de Cachoeira do Sul.

Na última semana, apesar dos volumes significativos de chuvas registrados em alguns municípios, as precipitações ocorreram de forma irregular e desuniforme nas regiões. Na Região Central a situação dos mananciais de água é de alerta, com disponibilidade de água restrita para a finalização da irrigação das lavouras e do ciclo da cultura em grande parte das áreas. Em diversas lavouras foram verificados danos em panículas (estruturas reprodutivas da planta de arroz), causados pelo excesso de calor, o que deve representar perda de produtividade, a ser quantificada no momento da colheita.

Na Fronteira Oeste, os níveis das barragens e rios continuam muito baixos, o que gera dificuldades para a captação de água. Os reservatórios de água encontram-se em níveis críticos em toda a Região da Campanha. Na Zona Sul a situação foi amenizada com as chuvas que ocorreram, sendo que produtores que haviam interrompido a irrigação por alguns dias puderam retornar com a operação. A Laguna dos Patos continua salinizada, com seu monitoramento sendo realizado. A salinidade da Laguna prejudica também a irrigação da Região da Planície Costeira Externa, no entanto, acredita-se que os mananciais possuam volume de água suficiente para a finalização do ciclo da cultura.

FEIJÃO 1ª SAFRA

As estimativas de perdas variam de 13% a 60%, com perda de qualidade de grãos em algumas regiões. A área inicialmente estimada de feijão 1ª safra é de 34.987 hectares.

TABACO

Informações da Afubra estimam em uma redução de 10% em média sobre a expectativa da safra 21/22 que estava estimada em 265.610 toneladas. Em algumas regiões de plantios mais tardios a quebra pode chegar a 16% como Sobradinho e na Metade Sul (Canguçu, Piratini, São Lourenço, Camaquã e outros). Confirmado uma redução de 10%, as perdas diretas aos fumicultores chegariam próximo a R\$ 300 milhões.

UVA

Segue previsão de que a estiagem causará perdas na produção de uva no Rio Grande do Sul ao redor de 20% ante uma previsão inicial de 750 mil toneladas de uvas, segundo a UVIBRA.

Esta redução pode gerar prejuízo direto de mais R\$ 300 milhões para 16.800 viticultores do estado. Indiretamente haverá perdas nas indústrias, que deixarão de produzir vinhos, sucos e espumantes.

As regiões produtoras que têm as plantações mais atingidas pela estiagem ficam na Serra Gaúcha, em Caxias, em Flores da Cunha e em Farroupilha. As frutas mais atingidas são as uvas americanas - isto é, as uvas comuns, cultivadas para a produção de sucos e vinhos de mesa. Nestas espécies, as videiras têm menor profundidade no solo, o que faz com que tenham mais dificuldade de encontrar água em períodos de escassez de chuvas. É neste tipo de uva onde está o maior prejuízo. Já dados da Emater regional Caxias do Sul estimam perda de 30% nas variedades precoces.

MAÇÃ

Segue a preocupação dos produtores de maçã com efeitos da estiagem prolongada. Segundo o presidente da Agapomi, poderia haver uma redução de produção em 50 mil toneladas na região dos Campos de Cima da Serra. Por outro lado, as temperaturas elevadas, associadas à alta radiação solar podem afetar a qualidade, sobretudo em frutos localizados nas porções mais expostas da copa das plantas. Considerando todas regiões do RS, a quebra na produção poderia estar entre 8 a 10%, com prejuízos que seriam superiores a R\$ 100 milhões de reais aos pomicultores. Aspecto social importante é a geração de 7 a 10 mil empregos nesta época para trabalhos de colheita em Vacaria e região.

NOZ-PECÃ

Há relatos de queda de frutos, que estão em fase de crescimento e desenvolvimento dos frutos. A cultura depende muito de água para enchimento das nozes e a produção deve ser prejudicada pela falta de chuvas e dificuldade para a planta formar a quantidade de frutos que tem potencial.

ERVA MATE

Com as chuvas ocorridas na última semana, as projeções para a erva-mate passam a ser um pouco mais otimistas. Continuam valendo as estimativas de perdas de aproximadamente 10%, mesmo com o retorno das chuvas, mas as projeções de perdas com cenário de permanência de seca, que eram de 30%, podem ter leve redução desse percentual.

OLERÍCOLAS

Segundo dados da Emater, a onda extrema de calor agravou ainda mais a situação de muitos olericultores que sentem os efeitos da estiagem pois, mesmo para os produtores que tem sistemas de irrigação, começa faltar água nos reservatórios. Além dos cultivos a campo, bastante prejudicados com desenvolvimento aproximadamente 40% menor, nos cultivos protegidos, há redução do crescimento e diminuição da qualidade final dos produtos, principalmente as folhosas como alface e rúcula. Culturas como mandioca e batata-doce apresentam murchamento de folhas e morte de plantas.

FLORESTAS PLANTADAS

A seca também afeta as florestas plantadas de pinus, eucaliptos e acácia-negra, porém não de maneira tão forte como ocorre com as culturas anuais. Pode ocorrer a redução de produtividade em determinados períodos, maior índice de riscos com incêndios florestais e surgimento, dependendo

Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural

Avenida Getúlio Vargas, 1384 | Menino Deus, Porto Alegre - RS
CEP: 90150-004 | Fone: (51) 3288.6200

da intensidade da estiagem, de pragas florestais em determinados plantios. Os problemas gerados pela seca neste ano não são muito diferentes do quadro histórico, inclusive com efeitos mais brandos quando comparado ao verão de 2020. Há relatos pontuais de perdas de mudas em plantios novos em algumas propriedades e incêndios localizados.

AVICULTURA E SUINOCULTURA

Com a quebra na safra de milho e soja, principais componentes das rações de suínos e aves, o custo de produção das duas atividades sofreu aumento e por consequência deve haver aumento do preço da carne aos consumidores. De acordo com a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav), os reflexos no mercado já deverão ser observados em fevereiro e março, nas carnes de aves. “O setor não vê outra alternativa a não ser a readequação de preços. Precisaremos fazer ajustes necessários para não produzir de mais com os custos elevados. Devemos ter impacto disso no mercado já no próximo mês, com diminuição na oferta do produto”, avalia o presidente da Asgav, José Eduardo dos Santos. “Precisamos fazer as medidas necessárias para o setor não parar totalmente. A falta de produto iria inflacionar ainda mais. O aumento de preço é consequência. Nem posso dizer quanto, mas é consequência e com certeza vai aumentar”, afirma ele. O produtor de aves Pedro Luis Utzig, da Nutrifrango, registrou custos já acima dos praticados em 2021. “As empresas já estão entrando no ano com dificuldade pelos custos dos insumos. No milho projetamos R\$ 80,00 a saca (de 60 quilos) e estamos pagando R\$ 105,00”, afirma ele.

Na suinocultura, entidades do setor mostram preocupação diante do atual cenário. O Presidente da Associação de Criadores de Suínos do Rio Grande do Sul – ACSURS, Valdecir Folador, participou de audiência com a Ministra da Agricultura, Tereza Cristina, na última quarta-feira (26/01). A entidade levou até a pasta uma série de pleitos a fim de minimizar os efeitos pela alta no custo de produção e baixos valores pagos aos produtores.

Neste sentido, Glademir Luiz Mecca, gerente de frigorífico e suinocultura da cooperativa gaúcha Santa Clara, acredita que não só há espaço para repasse de preços também na carne suína como acredita ser a única alternativa para o setor. “O preço de venda da carne suína no final de 2020 era maior do que no final de 2021. Vai ter aumento de preço, não tem outra situação, impactando diretamente o consumidor. A carne suína está muito distante dos preços que deveriam estar na equiparação com as outras carnes. Não tem outro jeito senão repassar o preço”, afirma.

Mecca reconhece, entretanto, que há dificuldade neste repasse por conta da alta oferta de carne suína e pela diminuição do poder de compra do consumidor interno. “Tivemos o efeito China. Quando deu a peste suína africana, a China produzia 54 milhões de toneladas de carne. Caiu para 18 milhões de toneladas. Então eles começaram a comprar - e pagaram caro, pois precisavam. A suinocultura teve um aumento de produção. Esse aumento está chegando agora e a China tirou o pé. Chegamos ao final do ano com mais oferta no mercado e, conseqüentemente, os preços caíram”, relata o gerente de suinocultura da Santa Clara.

Na cooperativa Languiru, a alternativa será a desaceleração da produção. “Não vejo margem para subir muito preço. O poder de compra do consumidor está baixo. Por isso, faremos diminuição nos abates. Vai ser um ano muito difícil para a produção de proteína animal”, prevê o superintendente industrial de fomento agropecuário da Languiru, Fabiano Leonhardt.

Além disso, as altíssimas temperaturas, assim como na avicultura, tem impactado diretamente a suinocultura.

Para o gerente de suinocultura da cooperativa Santa Clara, Glademir Luiz Mecca, a temperatura ideal para as granjas de porcos seria de, em torno, 25°C - muito diferente das temperaturas que chegaram a 40°C em algumas cidades gaúchas nas últimas duas semanas.

“Nesse calorão, os animais não estão consumindo e o ganho de peso diário cai. O peso de abate já está sendo influenciado e, conseqüentemente, vai cair oferta de carnes. Pelo menos 10kg no peso de abate com certeza vai cair. Os porcos de 130kg estão chegando a 120kg. Podemos estimar em torno de 10% mais magros”, afirma Mecca. A suinocultura também deve ter registro de mortandade em função do clima quente.

PASTAGENS

Semanalmente, a situação das pastagens tem se agravado. As pastagens cultivadas estão seriamente comprometidas devido à falta de chuvas e a sequência de dias de temperaturas extremas. Estas condições levaram ao secamento das plantas. Além disso, a utilização de fertilizantes está limitada pelo aumento de custo das matérias primas; além disso, alguns produtores preferem investir os recursos que ainda possuem na aquisição de fenos e minerais para suplementação da dieta dos rebanhos.

Segundo Informativo Conjuntural Semanal, elaborado pela EMATER/RS-Ascar, na região da Campanha, tanto as áreas de pastagens cultivadas quanto de pastagens nativas no município de Lavras do Sul estão amareladas e com rebrote pouco vigoroso. No entanto, a expectativa é de melhora desse cenário após as chuvas registradas recentemente. Na região administrativa da Emater, Santa Rosa, os agricultores que comercializam feno de tifton e jiggs estão limitando a venda de fardos e feno como forma de atender a um número maior de compradores, devido à escassez de alimento volumoso para os animais. Na de Caxias do Sul, com a falta de precipitações e apesar das chuvas localizadas, os produtores não puderam contar com as forrageiras anuais, como milhetos, sorgo de pastejo e capim sudão. Na de Santa Maria, os solos apresentam baixa umidade e há comprometimento total da capacidade de desenvolvimento ou rebrote das pastagens, cujas perdas já correspondem entre 60 e 70% das forragens.

BOVINOCULTURA DE CORTE

Segue o agravamento na atividade da bovinocultura de corte. A falta de água e pasto causa perda de peso nos animais. Para os bovinocultores que possuem condições financeiras, a suplementação da alimentação, com rações e silagem, acaba sendo uma alternativa para manter a condição corporal dos animais. Em algumas localidades, foi relatada morte de animais em função dos efeitos da estiagem. Com a grande oferta de animais, os pecuaristas estão com dificuldades de vender animais. A comercialização está sendo realizada a longo prazo. Na regional de Bagé, houve relato da morte de 140 animais por falta de água e alimento. Mesma situação foi relatada em Bossoroca e Santo Antônio das Missões (Regional Santa Rosa). Na região do Barreiro, em Bossoroca, foram relatados os primeiros casos de incêndio, onde 200 hectares de campo nativo foram destruídos.

Os preços continuam em queda devido à estiagem. Segundo análise semanal divulgada pelo Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva (Nespro). Na última semana do mês, os preços do gado gordo reduziram. O macho a rendimento de carcaça precificou a R\$ 21,97, apresentando uma diminuição de 1,49% em relação à semana passada quando estava a R\$22,30. A vaca a rendimento sofreu variação de 0,92%, saindo de R\$ 21,23 para R\$ 21,03. O valor do boi gordo, no peso vivo, que na semana passada era R\$ 11,05, sofreu redução de 0,35% e fechou esta semana valendo R\$ 11,01. O quilo vivo da fêmea sofreu variação negativa de 0,41% saindo de R\$ 10,04 para R\$ 10,00. A seca é um fator que continua influenciando as variações negativas dos preços do gado gordo. Já no gado para reposição, houve diminuição nos preços, na maioria das categorias. A terneira, avaliada a R\$ 12,01 na semana anterior, apresentou uma baixa de 6,2%, assim como o terneiro que fechou a semana com uma queda de 7,6% em relação à coleta do dia 19/01, quando valia R\$ 12,17. As exceções foram novilha (13 a 24 meses), novilha prenhe e vaca com cria que obtiveram um aumento de 1,0%, 17,0% e 2,3% em relação à última coleta, quando valiam R\$ 10,95, R\$ 10,60 e R\$ 10,22 respectivamente.

BOVINOCULTURA DE LEITE

Na bovinocultura de leite o cenário continua alarmante. As altas temperaturas tem provocado estresse térmico nas matrizes, diminuindo seu escore corporal e produtividade. Outro problema enfrentado é a falta de água para dessedentação dos animais. No município de Vale do Sol (Regional Soledade da EMATER), a água além de escassa apresenta baixa qualidade. Muitas propriedades da

região estão tendo que ser abastecidas com caminhões pipa para atender as demandas dos rebanhos. Na região administrativa da EMATER de Santa Maria, devido ao comprometimento das lavouras de milho para silagem estão sendo cortadas de forma antecipada, resultando em uma silagem de baixo valor nutricional.

Segundo o Presidente da Associação dos Criadores de Gado Holandês do Rio Grande do Sul (Gadolando), Marcos Tang, a produção de leite no Rio Grande do Sul está sendo prejudicada pelo quarto ano seguido por causa severa estiagem que atinge o estado, diminuindo a safra de grãos, como milho, alimento básico da ração das vacas leiteiras. “Não gostaríamos de ser repetitivos, mas os problemas são repetitivos. A maioria do Rio Grande do Sul está com uma estiagem severa. Mas esta, com dias muito quentes, matou o milho, dizimando lavouras inteiras, tendo que fazer o replantio ou comprar alimentos, mas não tem nem onde comprar, pois os vizinhos estão na mesma situação”, lamentou ele. O presidente da Gadolando também lembra que, junto do problema da seca, a baixa remuneração pelo litro do leite preocupa. “Assim ou se vende os animais e não tem mais leite ou se compra alimento, só que este alimento tem que vir muitas vezes de fora e o preço é muito alto. E junta-se isso com uma remuneração do litro do leite em baixa. Essa conjugação está acabando com o nosso produtor. Ou seja, não se tem alimento e precisa comprar, o custo de produção sobe e a remuneração está baixa”, observa.

Por fim, destaca-se que não só o produtor está sentindo os efeitos da estiagem; seus reflexos já estão atingindo a indústria. Segundo informação veiculada em mídia impressa gaúcha, as empresas associadas ao Sindicato da Indústria de Laticínios e Produtos Derivados (Sindilat-RS), que captam cerca de 85% da produção de leite no Estado, normalmente, nessa época do ano, recebem de 11 a 11,5 milhões de litros diários de leite. Nas que são monitoradas é estimada uma queda de 1 milhão de litros por dia nos volumes recebidos dos produtores, segundo informado pelo secretário executivo da entidade, Darlan Palharini.

PISCULTURA

A atividade continua sendo castigada pela severa estiagem. A mortandade de peixes devido à baixa oxigenação segue ocorrendo. Tais situações foram verificadas nas regionais da EMATER/RS-Ascar de Ijuí e Santa Rosa. Na regional de Passo Fundo, apesar da redução do nível de água, os tanques e reservatórios ainda mantiveram os níveis de qualidade. E na de Erechim, não foi relatado morte de peixes.

APICULTURA

Segundo Informativo Conjuntural da Emater de 27/01/2022, no município de Caçapava do Sul, há uma significativa redução na produção, já que a atividade é desenvolvida predominantemente em áreas de campo nativo, severamente castigadas devido à estiagem. Foram registradas queimadas no município, o que resultou na perda aproximada de 100 colmeias. Na região administrativa da EMATER de Santa Rosa, a expectativa é que haja uma redução de até 40% da produção de mel. Na região de Erechim, a produtividade segue em torno de 20 kg de mel por caixa. Na de Pelotas, alguns apicultores ainda fazem a colheita. Os mesmos relataram muita variação entre os rendimentos das colmeias. Na região de Caxias do Sul, as precipitações ocorridas na semana passada não foram suficientes para melhorar a disponibilidade das floradas para o trabalho de forrageamento das abelhas campeiras, prejudicando a coleta de néctar e a produção de mel.

IMPACTOS ECONÔMICOS INDIRETOS E INDUZIDOS DEVIDO À QUEBRA NA PRODUÇÃO E REDUÇÃO DE RECEITAS DOS PRODUTORES DO SETOR AGROPECUARIO FRENTE A ESTIAGEM NO VERÃO 21/22.

Efeitos indiretos da estiagem:

1. Redução nas vendas do comércio nos municípios;
2. Menor consumo de combustíveis (diesel);
3. Diminuição de transportes de cargas/fretes de produtos agropecuários;
4. Diminuição na arrecadação de impostos pelo Estado e municípios;
5. Redução na venda de máquinas, equipamentos e insumos agrícolas;
6. Necessidade de importação entre 3,5 a 4,0 milhões de toneladas de milho;
7. Aumento dos custos de produção das cadeias de aves, suínos, bovinos e laticínios;
8. Redução de empregos no meio rural e em cidades de pequeno e médio porte. Em 2004, 2005 e 2012, anos de grande diminuição na produção de soja, os números de postos de trabalho não gerados devido à quebra foram, respectivamente: 73.303, 82.350 e 72.335 (dados de trabalho de pesquisadores da FEE – atual DEE/SPGG);
9. Diminuição de trabalho para prestadores de serviços de colheitas, armazenagem, etc;
10. Menor atividade do complexo agroindustrial oleaginoso;
11. Menor exportação de soja e outros produtos agropecuários e de serviços portuários;
12. Problemas para pagamentos de financiamentos bancários, arrendamentos e a fornecedores de insumos, maquinário, combustíveis, etc;
13. Necessidade de refinanciamentos com prazos adequados para poder plantar a próxima safra;
14. Renegociação de dívidas com empresas privadas;
15. Efeitos na qualidade de insumos e tecnologia para próxima safra;
16. Reflexos em algumas culturas frutíferas para a próxima safra;
17. Efeitos multiplicadores diversos na macroeconomia do RS;
18. Abandono da atividade agrícola e êxodo rural.

Equipe técnica

Alencar Rugeri – Diretor Técnico da EMATER/ASCAR

Altamir Mateus Bertollo – Engenheiro Agrônomo da SEAPDR

Caio Fábio Stoffel Efrom – Diretor do Departamento de Diagnóstico e Pesquisa Agropecuária

Flávio Varone – Meteorologista da SEAPDR

Fernanda Roberta Pereira Tatsch - Engenheira Agrônoma da SEAPDR

Jossana Ceolin Cera – Meteorologista do IRGA

Luciano da Luz Medeiros – Chefe da DATER do IRGA

Paulo Lipp João – Diretor do Departamento de Políticas Agrícolas e Desenvolvimento Rural da SEAPDR

Ricardo Felicetti – Diretor do Departamento de Defesa Vegetal da SEAPDR

Róger Frederico Strauss - Engenheiro Agrônomo da SEAPDR

Rosane Collares Moraes – Diretora do Depto. de Vigilância e Defesa Sanitária Animal da SEAPDR

Valdomiro Haas - Engenheiro Agrônomo da SEAPDR

ANEXO



1. Lavoura de soja com baixa área foliar, o que resultará em baixíssima produção. Bom Progresso.
Crédito FEA André Ebone. 26/01/2022



2. Reservatório com volume baixo. Júlio de Castilhos.
Crédito FEA André Ebone. 23/01/2022



3. Arroio seco. Charrua. Crédito Oberdan Scolari. 25/01/2022



4. Gado de corte com baixa oferta de alimento. Cruzaltense. Crédito André Gazzoni. 25/01/2022



5. Espigas de milho com tamanho reduzido e baixa granação. Faxinalzinho. Crédito Douglas Dal Piva. 25/01/2022



6. Espigas de milho com tamanho reduzido. Sananduva. Crédito Cibele Bonez. 25/01/2022

Fonte: Relatório fotográfico elaborado pelo Departamento de Defesa Vegetal.

Porto Alegre, 01 de fevereiro de 2022.